




*Outorga do Título de Professor Emérito a*

---

*Sedi Hirano*





 **Universitas Paulopolitana**  
Philosophiae, Litterarum Scientiarumque  
Humanarum Facultas

Ego Doctores Sancta Margarita Viri Philosophiae Litterarum Scientiarumque Humanarum Facultatis Moderatrix in Universitate Paulopolitana, cum actum viderem et perlegissem quo ab huius Facultatis Magistrorum Collegio ante diem XVI Kal. Maias anno MMIX praecclarus vir

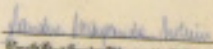
**Sedi Cirano**


Sociologiae peritissimus

**Professor Meritus**

rile docturus est, hoc diploma ei dedi, ut omnibus honoribus privilegiisque cum dignitate sua cohaerentibus et quidem solemniter collatis iure tui ac perfrui posset.

Datum Facultatis in Aedibus Paulopoli in Brasilia,  
ante diem VII Kal. Dec. anno MMX.

  
Doctores Sancta Margarita Viri  
Facultatis Moderatrix

  
Cyrano Cirilino Paulo de Silva  
Facultatis ab huius

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**REITOR:** Prof. Dr. João Grandino Rodas

**VICE-REITOR:** Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**DIRETOR:** Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu

**VICE-DIRETOR:** Prof. Dr. Modesto Florenzano

**SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**COORDENAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTb. 35814

**REVISÃO:** Wiviane Ribeiro do Carmo

**AUDIOVISUAL:** Carlos Roberto Xavier

Renan Braz Martins

**SECRETÁRIA:** Neusa Bispo de Oliveira

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Gráfica da FFLCH

**TIRAGEM:** 200 exemplares

*CERIMÓNIA DE OUTORGA*  
*DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO*  
*PROF. DR. SEDI HIRANO*

*Data:* 25 de novembro de 2010

*Horário:* 14h30

*Local:* Salão Nobre - Prédio da Administração  
Rua do Lago, 717 - Cidade Universitária



# Sumário

ABERTURA ..... 9

*Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini*

APRESENTAÇÃO ..... 11

*Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda*

DISCURSO DE SAUDAÇÃO ..... 17

*Prof. Dr. Antônio Flávio de Oliveira Pierucci*


DISCURSO DO HOMENAGEADO ..... 19

*Prof. Dr. Sedi Hirano*





## ABERTURA

m nome do reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Dr. João Grandino Rodas, inicio a cerimônia de outorga do título de Professor Emérito ao Prof. Dr. Sedi Hirano, concedido pela Congregação da FFLCH.

O título de Professor Emérito é conferido aos docentes aposentados que se notabilizaram por suas atuações nas atividades acadêmicas, no ensino, na pesquisa e na cultura e extensão.

O primeiro foi concedido em 1964, ao Prof. Dr. Fernando de Azevedo, da Área de Sociologia. O prof. Sedi Hirano é o quadragésimo quinto docente, reconhecido como merecedor desta outorga pela Congregação da FFLCH.

Embora este título seja conferido por méritos acadêmicos, não podemos deixar de reconhecer a inestimável e dedicada prestação de serviços do Prof. Dr. Sedi Hirano no campo administrativo e gerencial desta Faculdade, como seu diretor, de 2002 a 2005, e como pró-reitor de Cultura e Extensão desta Universidade, de 2005 a 2007.

Tive a oportunidade de atuar como vice-diretora por quase dois anos em sua gestão desta Faculdade, o que me permite testemunhar a eficiente contribuição do Prof. Dr. Sedi Hirano que, com espírito de servidor público, não mediu esforços para atender às demandas imediatas da FFLCH . Ele pensou a médio e longo prazo na infraestrutura, deixando-nos um plano diretor, que tem sido seguido com atenção e empenho pelas diretorias que o sucederam. Também mostrou-se atento para manter e aprimorar a qualidade

das atividades acadêmicas na graduação, na pós-graduação, na pesquisa, na cultura e extensão, cabendo salientar a especial atenção ao desenvolvimento de internacionalização de nossa Faculdade. Criou a Comissão de Cooperação Internacional, hoje vista como modelo para as outras unidades da USP e, em algumas situações, para a própria CCINT central, como é o caso do catálogo lançado recentemente pela referida comissão.

Ao lembrar neste momento algumas de suas muitas realizações administrativas, o intuito é não deixar obscurecidas as contribuições diretas ou indiretas para o ensino, a pesquisa, a cultura e extensão, sempre em prol da excelência acadêmica da FFLCH e da USP, do incansável Prof. Sedi Hirano, cujo currículo acadêmico é enriquecido também por sua inserção internacional com suas conferências, na Área de Sociologia do Desenvolvimento, proferidas em universidades da América do Norte, América do Sul, Europa e Ásia. Atualmente ele é Presidente do Conselho Editorial de Cadernos PROLAM/USP e membro do Conselho Superior da FAPESP.

*PROFA. DRA. SANDRA MARGARIDA NITRINI*

*Diretora*

## APRESENTAÇÃO

### SAUDAÇÕES:

Exma. Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini, DD. Diretora da FFLCH – USP.

Exmo. Sr. Professor Antonio Flávio de Oliveira Pierrucci - Chefe do Departamento de Sociologia da FFLCH.

Senhores Professores Eméritos da FFLCH.

Colegas da Congregação aos quais agradeço muitíssimo a honraria que me coube, a de saudar o Professor Sedi Hirano, nesse momento de coroamento da sua carreira como professor, pesquisador e sociólogo da FFLCH – USP.

Meus colegas do Departamento de Sociologia.

Funcionários do Departamento de Sociologia, Alunos.

Amigos; familiares do Professor Sedi Hirano.

Senhoras e Senhores.

Meu caro Sedi.



Começo lembrando o meu conterrâneo Pedro Nava, o nosso Proust, que em *Beira-Mar*, este livro central no conjunto das suas memórias escreveu: “Aparentar-se pelo coração é ser amigo”.

De fato, se eu pudesse encerrar em uma única frase a honra que me foi concedida pelo Departamento de Sociologia e a Congregação da Faculdade de Filosofia ao me convidarem para homenagear o Professor Sedi, diria que o pensamento do memorialista condensa todo o meu sentimento nesse momento tão especial, não apenas do professor agraciado, mas, sobretudo da instituição; na ocasião em que celebramos e realizamos um dos momentos mais importantes da nossa vida acadêmica.

Nos momentos em que oferecemos a nossa honraria máxima e, especialmente, escolhemos o professor a quem ofertamos tal distinção, falamos de nós mesmos. Creio, igualmente, que quando designamos um colega para ser nosso mensageiro, como é o meu caso nesse instante, expressamos, de modo tão contundente, os desejos do homenageado. Por esta razão, encaro essa honraria que tanto o Departamento de Sociologia e a nossa Congregação me ofereceram como manifestação de amizade que Sedi Hirano me dedica. Diria mais, como impulso do coração.

As minhas relações com Sedi remontam há décadas. O tempo não é mais necessário ser computado, quantificado em termos de anos. A amizade supera o tempo cronológico; ousaria dizer que é atemporal. Exatamente porque permanece nas nossas lembranças enquanto não somos derrotados pela finitude da vida, por resistir nas recordações daqueles com quem convivemos. Meu colega e amigo Professor Sedi Hirano, quero expressar os meus agradecimentos brotados do coração.

As nossas afinidades vicejaram no solo que denominamos, sociologicamente, tão ao seu gosto, por “afinidades eletivas”. Como companheiros de um caminho, não só daquele comum a todos os sociólogos, mas de um tempo vivido: o nosso tempo de convivência; o tempo da nossa instituição; um tempo especial do nosso país, que enfrentou situações complexas, muitas vezes dolorosas. Eu na minha condição de estudante; você na sua condição de Professor de Sociologia que se iniciava nas lides acadêmicas. “O tempo é boa medida” já disse Drummond.

Diga-se de passagem, você aceitava o desafio de se tornar professor da Universidade de São Paulo, porque não resistiu a esse “chamamento” que conformava uma vocação; uma atração e adesão irresistíveis, pois estava muito bem situado nas atividades do mercado das profissões. Não deve ter sido fácil. Hoje, assistimos ao coroamento dessa escolha, naquele momento tão incerta, como incertos eram os rumos da Universidade e do país, quando aceitou o convite de Florestan Fernandes e o desafio de ser

Professor de Sociologia, em 1965. De lá para cá realizou uma carreira altamente distinguida: orientou mais de sessenta (60) estudantes nos níveis de mestrado e doutorado; ocupou os cargos mais importantes na estrutura acadêmica, como o de Diretor da nossa Faculdade no período 2002-2005; Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária entre os anos de 2005-2007; Chefe do Departamento de Sociologia (1997-2000); Membro fundador do Programa de Pós-Graduação em *Integração da América Latina* do qual foi Presidente (1989-1995); Secretário Executivo do Conselho de Reitores das Universidades Paulistas (1990-1995); Secretário Executivo da Sociedade Brasileira de Sociologia (1989-1991), apenas para enumerar algumas posições de relevo, às quais se acrescenta a de ser atualmente membro do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a nossa FAPESP.

Essas posições selecionadas representam o reconhecimento da sua carreira de professor, acadêmico, pesquisador, sociólogo da Universidade de São Paulo. Como professor, ministrou cursos marcantes, especialmente no campo da teoria sociológica clássica; tendo formado centenas de estudantes; enquanto acadêmico, encarou os princípios da Universidade identificada com a “ética da responsabilidade”, inerente à ciência, para lembrar Max Weber autor da sua eleição; como pesquisador, enfrentou problemas e temas os mais complexos, situados na seara da teoria social, concentrados no exame da formação da sociedade brasileira; como sociólogo não se alforriou do seu compromisso público, eu diria republicano, que alimenta a nossa disciplina *ab initio*. Professor Sedi Hirano é, sem dúvida, retrato acabado do sociólogo e intelectual formado na melhor tradição da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Por essa razão, não tenho dúvida em afirmar que poucas trajetórias acadêmicas foram intelectualmente tão coerentes e dedicadas à Universidade de São Paulo, quanto a de Sedi Hirano. A herança recebida de seus mestres ilustres, sobretudo de Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Pereira desdobrou-se e amadureceu na sua obra.

Autor de livros, hoje clássicos, como *Castas, Estamentos e Classes Sociais*, com várias edições, o sociólogo visitou o núcleo central da reflexão disciplinar, referente à natureza da estrutura social, às suas formas de organização que definem o modo da distribuição e de classificação dos seres na sociedade. Originada da sua tese de mestrado, defendida em 1972, a obra já representa a busca de um caminho próprio, tendo em vista que elegeu Max Weber como autor central de reflexão, que compartilhava com Marx o mesmo

reconhecimento na construção do seu pensamento, a despeito de os anos terem sido dominados pela tradição do materialismo histórico.

O seu doutoramento que resultou no livro – *Formação do Brasil Colonial: pré-Capitalismo e Capitalismo*, reeditado em 2008, aponta para questões de mais alta relevância. Fruto da melhor tradição sociológica uspiana, dedicada a refletir sobre a formação histórico-social do Brasil, o livro discute as teses dominantes sobre a constituição da nossa sociedade de origem colonial: sobre o feudalismo; o pré-capitalismo; capitalismo comercial; capitalismo industrial. Esses problemas – que orientavam a produção intelectual na época – não resultavam de exercícios puramente eruditos ou intelectualistas, antes e pelo contrário, eram animados pelo compromisso de decifrar uma sociedade que não percorria a trajetória típica; espelhavam a tentativa de elucidar o que Florestan Fernandes denominou de “drama” ou “dilema” da nossa história. O deciframento dessa espécie de enigma refletia um compromisso público superior: pensar a constituição do Brasil moderno; contribuir para a formulação de propostas civilizatórias em contextos sociais marcados por extrema desigualdade, por injustiças profundas, por direitos restritos.

O tratamento das teses dominantes sobre a formação histórica do Brasil, realizava-se à luz das heranças dos clássicos, sobretudo de Marx, Durkheim e Weber, contrapondo a mais densa tradição sociológica aos relatos dos coevos, como Antonil, Gandavo, Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim, Frei Gaspar da Madre de Deus, Frei Vicente do Salvador, referências para a construção de um pensamento coerente com a época da constituição do Brasil. Nesse andamento, foi possível repensar as teorias consagradas, ao referi-las às experiências históricas particulares.

Sedi Hirano revisitou a tradição clássica para orientar, desse modo, a caracterização dos afastamentos e proximidades frente às realizações modernas típicas. Similarmente, escrutinou a produção dos seus mestres Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Novais – sem hesitar em apresentar as suas discordâncias. À tese da formação social de castas opôs argumentos hauridos na mais refinada tradição, que salienta a centralidade do princípio da endogamia. À tese do caráter feudal da sociedade colonial sublinhou a dimensão mercantil da produção; reversivamente, a presença do mercado não é suficiente, segundo sua análise, para sustentar o caráter completo da ordem capitalista. Ao afirmar a natureza pré-capitalista da nossa formação, o sociólogo construiu uma linha alternativa de interpretação da forma-

ção histórica do Brasil, sedimentada no manejo da grande teoria, na capacidade de pensar autores como Karl Marx e Max Weber concomitantemente, visando construir um veio de análise que não se esgota na assunção integral de um pensador, por mais fundamental que ele seja. Relacionou a estrutura estamental da sociedade colonial à produção mercantil, mas cujo mercado carecia de racionalidade. Desse modo, Sedi Hirano tornou-se intérprete da história do Brasil, compartilhando a mesma condição dos nossos mais férteis pensadores. Por isso, a sociologia de Sedi Hirano guarda, igualmente, mas de modo não explícito, a representação da condição do intelectual em países de origem colonial, periféricos, daquelas sociedades que não foram contempladas pelos clássicos.

Uma sorte de desterro – magnificamente presente em *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda – é o destino que a todos oprime e à qual Florestan Fernandes destacou como um bom lugar para refletir sobre os limites da teoria que são, em suma, os próprios limites da realização histórica que inspirou as análises dos fundadores. Sedi Hirano não recuou frente ao desafio fundamental da vida intelectual brasileira: refletir sobre experiências históricas difusas, cambiantes, quando referidas às teorias consagradas. Não é esse o desafio superior dos intelectuais em sociedades como a nossa? Ao acolher esses desconcertos não se está absorvendo o desarranjo da condição intelectual em modernidades periféricas? O quanto falamos de nós mesmos e até das nossas biografias quando somos acicatados pela busca de vias de reflexão novas?

Sedi Hirano é um brasileiro, como tantos outros, filho de imigrantes japoneses que aqui aportaram para engrossar a massa de trabalhadores da grande lavoura cafeeira. Sem pretender construir nenhuma relação direta, sugiro que a sua reflexão, não por casualidade, detém-se no caráter estamental da sociedade brasileira, baseada no princípio da honorabilidade e do privilégio. Escreveu, ao mesmo tempo, sobre a imigração japonesa, tendo sido professor em importantes universidades do país de seus pais. O brasileiro Sedi não desconheceu suas raízes e dessa dupla vinculação hauriu a percepção das particularidades da nossa formação social.

A vida não lhe permitiu navegar nas ilusões apaziguadas das apostas voluntaristas, pois aprendeu a ver o peso da tradição na nossa história, como de resto, foi a grande contribuição da Ciência Social da chamada “Escola Paulista de Sociologia”, que alude e identifica o grupo constituído por Florestan Fernandes. Eu, uma não paulista, fui também formada na densa herança da nossa Escola.

Professor Sedi Hirano, peço-lhe licença para ser sua parente por pulsar nos nossos corações os mesmos ensinamentos, que fizeram nascer a nossa comunidade de sentimentos e compreensões do mundo. Eu possuo a ventura de agora poder dizer pela boca do grande poeta português Miguel Torga a essa casa a quem muito devo:

“Que belo é ter um amigo! Ontem eram idéias contra idéias. Hoje é esse fraterno abraço... Que belo e que natural é ter um amigo”. (Diário I – 1907).

Muito obrigada!

*PROFA DRA MARLA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA*

*Pró-reitora de Cultura e Extensão Universitária*



## DISCURSO DE SAUDAÇÃO



Começo dizendo o que logo aprendi com o prof. Sedi Hirano quando cheguei ao Departamento de Sociologia para ser contratado como docente. Mal terminou o concurso e já comecei a receber instruções absolutamente surpreendentes da parte do prof. Sedi Hirano, que me acompanhou em todos os passos do andamento da minha contratação, da minha papelada. Ele me orientou em todos os sentidos, e aos poucos fomos nos aproximando de tal forma que eu pude, já no primeiro ano que estava aqui, aprender com Sedi Hirano uma característica muito forte dele: uma dedicação total, no sentido de tempo, de *full time*, à Universidade de São Paulo e à Faculdade de Filosofia, a nossa casa.

Logo que eu comecei as minhas atividades aqui, o Sedi foi eleito coordenador da pós-graduação da Sociologia e eu seu vice-coordenador. E tive novamente o prazer de aprender com o Sedi essa mobilização constante, essa dedicação constante, não apenas à vida acadêmica, no sentido estrito, mas à vida acadêmica também no seu aspecto administrativo. Isso é uma lição que a gente aprende com o Sedi.

Tenho receio de personalizar demais as coisas, mas tenho um título com o qual fui homenageado pelo Sedi: amigo pessoal do Sedi Hirano. Ele dizia: “Flávio você é meu amigo pessoal”. E eu pensava comigo “mas amigo pessoal? Todo amigo é um amigo pessoal. O que o Sedi está querendo dizer com isso?” Ele queria dizer alguma coisa que ele não dizia só a mim, mas a muitas outras pessoas. Essa ideia do Sedi é surpreendente, porque é como se ele fabricasse essas relações pessoais com a insistência com que ele explicitava o nome – um pouco exagerado, um pouco hiperbolicamente – dessas rela-

ções, que são relações de coleguismo, de companheirismo, que ele logo transformava em amizade e ainda – pleonasticamente – chamava de amizade pessoal.

Isso é uma coisa que talvez o Sedi estivesse mostrando para mim, que sou muito sensível a esse tema da amizade, a importância de você conseguir com que os seus colegas pensem em você como um amigo, pensem que você é amigo do Sedi. Mas que importância tem ser amigo do Sedi? Tem importância ser amigo do Sedi porque ele está sempre, o tempo todo, disposto a gastar uma parte do seu tempo para te ouvir, para te aconselhar, ou simplesmente para concordar ou, eventualmente, discordar de você em alguma situação. Não precisa ser uma situação muito delicada, muito grave, podem ser situações comecinhas, como “o que fazer agora depois desse passo?” O Sedi diz “senta” e é capaz de ficar conversando por horas com o seu amigo pessoal naquele momento. Naquele momento você, de fato, é o amigo pessoal dele. Isso é uma coisa que eu aprendi com o Sedi, e às vezes eu uso de brincadeira com os meus colegas. “Fulano, você é meu amigo pessoal”, sempre citando entre aspas, numa notinha de rodapé, num asterisco, Sedi Hirano. Isso é uma das coisas que me fizeram sentir bem aqui na Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia e bem, sobretudo, no Departamento de Sociologia.

Não vou me alongar, só gostaria de chamar a atenção para essa qualidade humana extraordinária do Sedi, e para esta outra qualidade profissional do Sedi, que é a dedicação full time às suas atividades na universidade. Essa é uma coisa que as novas gerações precisam aprender: olhar para o Sedi, mirar no exemplo dele, porque está faltando isso que eu acabei de comentar com o colega, um sentimento de, me desculpe a expressão, *belong together*.

Pessoal no sentido forte da palavra, no sentido nobre da palavra, não no sentido patrimonial da palavra, mas a ideia de você trazer as relações com seus colegas para um plano de atividade conjunta de pessoas que, naqueles momentos em que estão juntas, são amigos pessoais.

Colegas que estão fora do Brasil, nós estamos com cerca de uma dezena de colegas do departamento fora do país, temos também colegas que não estão presentes em São Paulo, com compromissos de viagem, em bancas de concursos ou de mestrados e doutorados, ou conferências, seminários, ou seja, eu gostaria de estar aqui representando também àqueles que, fisicamente, não puderam se fazer presentes e que são todos amigos pessoais do Sedi.

*PROF. DR. ANTÔNIO FLÁVIO DE OLIVEIRA PIERUCCI*

*Chefe do Departamento de Sociologia*

## **DISCURSO DO HOMENAGEADO**

TRAJETÓRIA ACADÊMICA POLIDA POR MESTRES NOTÁVEIS  
DISCURSO PROFERIDO NA CERIMÔNIA DE OUTORGA DO TÍTULO  
DE PROFESSOR EMÉRITO NA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE FILO-  
SOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
(25/11/2010)

Excelentíssima Professora Doutora Maria Arminda do Nascimento Arruda, Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária, representando neste ato, o Magnífico reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Dr. João Grandino Rodas; Excelentíssima Professora Doutora Sandra Margarida Nitrini, Diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Excelentíssimo Professor Doutor Antonio Flávio de Oliveira Pierucci, Chefe do Departamento de Sociologia; Excelentíssimo Professor Doutor Rubens Beçak, Secretário Geral da Universidade de São Paulo; Excelentíssimo Senhor Cônsul Masahiko Kobayashi, representando o Cônsul Geral do Japão Kasuaki Obe; Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Fernando Dias Menezes de Almeida, assessor da Presidência da Fapesp, representando o Presidente do Conselho Superior da FAPESP, Prof. Dr. Celso Lafer; Excelentíssimo Senhor Desembargador Kazuo Watanabe; Excelentíssimo Senhor Desembargador Jô Tatsumi, Presidente da Aliança Cultural Brasil-Japão; Excelentíssimo Doutor Roberto Nishio, Presidente do Instituto Brasil-Japão de Integração Cultural e Social; Excelentíssimo Senhor Professor Doutor José Roberto Cardoso, M.D. Diretor

da Escola Politécnica; Em nome do Excelentíssimo Professor Doutor Antonio Magalhães Filho, Diretor da Faculdade de Direito, agradeço todos os diretores de Unidades Acadêmicas que enviaram voto de congratulações; Excelentíssimo Professor Doutor Kokei Uehara, Professor Emérito da Escola Politécnica; Senhores Professores Doutores João Baptista Borges Pereira e Fernando Antonio Novais, Professores Eméritos da USP, em nome dos quais saúdo todos os Professores Eméritos presentes; Excelentíssimo Senhor Tomás Amorim, representante do escritório de Harvard em São Paulo; Excelentíssima Senhora Assistente Acadêmica em exercício, Kely Cristine Soares da Silva. Demais autoridades presentes. A minha esposa Toshimi Kojima Hirano, estímulo e incentivo constante, uma luz brilhante iluminando a minha trajetória juntamente com os meus filhos Ana Cristina, Ana Helena, Ana Carolina, Luis Afonso, Ana Paula e Luis Felipe. Ao meu sogro Takao Kojima e minha sogra Aiko Kojima. Aos meus genros e nora Sérgio, Fernando, Aaron e Tatiana. Aos meus irmãos e irmãs Shoziro, Jorge, Yoshiko e Maria Tamae; Paulo Ojima e Toshio Kojima, cunhados; Dr. Alexandre Yasuda, Sandra Hirano e Alberto Kojima, sobrinhos. Estela, Gabriela, Mariane, Fernando e Monica, netos. À Marlene Carneiro de Lucena que durante longos anos foi minha assessora, secretariando todas as minhas atividades, como Chefe de Departamento de Sociologia, Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária.

Senhores Professores, Senhoras Professoras, alunos, alunas, funcionários e funcionárias.

## TRAJETORIA ACADÊMICA POLIDA POR MESTRES

*T*

oda memória é seletiva e analítica: permanece o que significa. Os acontecimentos do passado adquirem vida e significado a partir dos valores que portamos no presente. E a partir do que somos no presente, reconstruímos o passado, dando um ponto de partida, que de fato, nem sempre foi. Ele é um pressuposto que fixamos na nossa memória, para construirmos uma trajetória acadêmica”.

Walter Benjamin nos ensina: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo”.

O professor **Rubens Guedes** que lecionava **História do Brasil** na **Escola Normal e Ginásio Estadual “Domingos Faustino Sarmiento”**, na época aluno do curso de **Ciências Sociais da USP**, teve importância significativa na minha formação como cidadão preocupado com a realidade brasileira. Ele era militante do Partido Comunista Brasileiro. Como professor de história indicou e sugeriu a leitura de Caio Prado Júnior. Para o autor de **História Econômica do Brasil**, de 1945, não havia lugar, no Brasil colonial, nem para a tese feudal, nem para a tese pré-capitalista. A sua tese é de um capitalismo.

Os portugueses não vieram para o Brasil nem como povoadores e nem como trabalhadores, mas como empreendedores para implantar a grande produção monocultora baseada no trabalho escravo e voltada para o mercado externo. Esta tese exposta por

**Caio Prado Júnior** era contraposta a outras teses, como a de **Nelson Werneck Sodré**, que no livro **História da Literatura Brasileira e seus Fundamentos Econômicos**, escrito em 1938, defende a tese de um Brasil majoritariamente feudal e pré-capitalista. Portanto a polêmica sobre a interpretação do Brasil colonial já estava colocada como um campo de preocupações. Não só a polêmica, mas por influência dele e de um aluno do mesmo curso acabei me tornando militante do **Partido Comunista** e leitor de obras escritas por seus autores e simpatizantes comunistas. Os problemas brasileiros discutidos e veiculados por eles como miséria, pobreza, carestia, fome, problemas da paz e do socialismo, bem como a revolução socialista passaram a fazer parte da minha vida cotidiana.

A iniciação da minha formação política e das preocupações com os problemas brasileiros como a questão da democracia, da representação parlamentar em defesa do petróleo, a campanha em defesa das riquezas minerais, a movimentação dos generais nacionalistas, a comoção pelo suicídio nacional-desenvolvimentista de Vargas em 1954, a leitura de escritos engajados e debates sobre os filmes de intervenção política começaram a ocupar uma parte razoável do meu tempo. Tempo esse que se aprofundou no **Colégio Estadual “Presidente Roosevelt”**.

Desde os meus treze anos, com o falecimento do meu pai, sempre trabalhei de dia e estudei à noite. No Colégio tradicional de São Paulo tive novos companheiros comunistas como **Irineu Ribeiro dos Santos**. Incentivado por ele, passei a ler a **Revista Brasiliense** e a **Revista Anhembi**. A **Revista Brasiliense**, que foi fundada em Agosto de 1955, afirmava no seu documento de fundação que almejava “analisar em suas raízes e a todas as luzes” a realidade brasileira do ponto de vista dos interesses nacionais, da melhoria das condições do povo e da renovação e dos progressos da cultura, como expressão autêntica da vida brasileira”. A Revista seria “um centro de debates e de estudos brasileiros, aberto à colaboração de todos” e independente de filiação político partidária.

Entre os signatários, constavam os nomes de **Caio Prado Júnior, Egon Schaden, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Heitor Ferreira Lima, João Cruz Costa, Josué de Castro, Mário Mazzei Guimarães, Nabor Caíres de Brito, Rossine Camargo Guarnieri, Samuel Pessoa, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet**, dentre tantos ilustres.

Estas revistas transformaram-se, pelos seus conteúdos, em importantes veículos de conscientização sobre a realidade brasileira, nelas eram debatidas questões cruciais:

problemas das relações raciais, fatores humanos da industrialização, desenvolvimento do capitalismo no Brasil, problemática da educação e da saúde, consolidação da ciência e da tecnologia como forças motrizes do desenvolvimento capitalista no Brasil e temas ligados à arte e à cultura. As referidas revistas se transformaram numa espécie de **universidade aberta** para todos que se interessavam pelo tema da ciência, economia, história, sociologia, cultura, cinema e artes em geral.

Foi também no **Colégio Estadual Presidente Roosevelt**, incentivado por professores e colegas que se tornaram amigos, que aprofundi vários tipos de leituras. Li quase na íntegra todos os livros de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Lima Barreto, Machado de Assis, Castro Alves, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e outros. Dentre a literatura estrangeira, Camões, John Steinbeck, Tolstoi, Dostoiévski, Knut Hamsun, Erskine Caldwell etc.

Entre os professores, todos eles excelentes profissionais muito bem preparados pela **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras** como **Alzira Sawaya** de Biologia, **Walter de Toledo** de Física, **João Eduardo Villalobos** de Filosofia, **Hélio Leite de Barros** de História do Brasil, **Norman Porter** de Inglês etc.

Com **João Villalobos** aprendi a pensar criticamente a filosofia pré-socrática e por intermédio dele passei a me interessar por livros de filosofia como os de **Émile Bréhier**, **Windelband**, **Rodolfo Mondolfo**, **Léon Robin**, etc. **João Villalobos** dava aulas notáveis e instigantes. Ele me fez pensar várias vezes e quase fui fazer o curso de filosofia, como muitos o fizeram para o desalento dos pais que projetaram para os filhos a profissão de futuros médicos, engenheiros, advogados, etc. Estavam entre eles **José Carlos Bruni**, **Ivan Jun Nakamae**, **Maria Lúcia Montes**, **Marilena Chauí**, **Paulo Roberto Moser**.

Com o professor **Hélio Leite de Barros** reli **Caio Prado Júnior** e passei a ler **Celso Furtado** que estava lançando, entre os anos de 1957/1958, o livro **Formação Econômica do Brasil**, com forte influência da **CEPAL** e mannheimiana e que continha a **tese pré-capitalista** da formação colonial brasileira e uma nova interpretação sobre a economia brasileira. Quando **Gilberto Freyre** publicou o livro **Ordem e Progresso**, o professor Hélio solicitou aos alunos para lerem os capítulos do livro para discutirem em salas de seminários. As aulas eram densas, vigorosas e estimulantes. Estas leituras convidavam os alunos mais interessados a procurarem outros livros que debatiam sobre a realidade brasileira.

Estimulado por **João Villalobos**, que se tornou depois professor de Filosofia, na Faculdade de Educação, e por **Hélio Leite de Barros**, resolvi fazer o exame vestibular para o **curso de Ciências Sociais**, que no início da década dos anos sessenta do século passado era, dentre os cursos da USP, um dos mais concorridos.

Alguns colegas e amigos do colégio e do último trem noturno que conduzia os estudantes da Estação Roosevelt do Brás para Itaquera, onde eu morava, me perguntaram “que curso é esse, dá dinheiro, dá um bom emprego?”. Respondi que não sabia se dava dinheiro, mas optava para ter uma consciência mais adequada sobre a realidade social brasileira. Fui chamado de sonhador. No fundo, o que me guiava a fazer o curso era o sonho emancipacionista. Acreditava que através do conhecimento era possível intervir, de uma forma crítica e revolucionária, na realidade brasileira tão injusta e desigual, sem autonomia econômica, dependente do exterior. Acreditava que era possível construir um país mais justo, mais democrático, mais humano onde todos teriam as mesmas oportunidades de escolher, de uma forma autônoma, a sua profissão e o seu destino. O móvel de minha opção era o ideal marxista e socialista.

**Marx** dizia, numa de suas cartas à Arnold Ruge, publicada nos **Anais Franco-Alemães**: “Faz tempo que o mundo tem um sonho, do qual basta ter consciência para torná-lo realidade. Não se trata de traçar uma reta do passado ao futuro, mas realizar as ideias do passado. Veremos, finalmente, que a humanidade não se iniciará em um novo trabalho, mas realizará, desde o princípio, conscientemente, seu trabalho antigo”.

Conduzido pela mão invisível do destino, e não do mercado, e por circunstâncias da minha militância política, tornei-me, como já afirmei, um leitor assíduo da **Revista Brasiliense**, que apresentava, em suas edições, artigos e ensaios sobre a realidade brasileira, abordando-a de várias perspectivas das ciências humanas.

Ao me preparar para o exame vestibular de ingresso ao curso de **Ciências Sociais**, no final do ano de 1960, encontrei nesta preciosa Revista um ensaio histórico-sociológico de **Octávio Ianni**, sobre os fatores humanos da industrialização no Brasil, que analisava a questão da abolição e a formação dos trabalhadores livres, realçando a articulação entre a entrada de imigrantes e a constituição do capitalismo e da sociedade moderna no Brasil.

Poucos meses antes, **Fernando Henrique Cardoso** tinha escrito um artigo publicado na **Brasiliense** intitulado “Condições sociais da industrialização em São Paulo”.



Portanto, **Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso** tornaram-se meus grandes mestres antes de conhecê-los na Universidade, na virada dos anos 50. Anos estes críticos, demarcados, como já me referi, pelo traumático suicídio de **Vargas**, documentado pela **Carta Testamento** em defesa dos recursos naturais brasileiros, simbolizados pelo petróleo. Li e reli os artigos de **Ianni** sobre a industrialização, formação da sociedade moderna no Brasil e o papel da educação no desenvolvimento social do Brasil.

Quis a fortuna e o Deus do Destino que ao prestar o exame oral de **História do Brasil**, fosse sorteado o ponto “**Fatores humanos da industrialização no Brasil**”. Ao terminar a minha exposição, a professora **Célia Galvão** me perguntou onde tinha lido sobre o assunto. Disse que tinha lido na **Brasiliense**, em um ensaio de **Octavio Ianni**. Para o meu espanto, imediatamente, me apresentou ao então presidente da banca examinadora: o professor **Octavio Ianni**.

Creio que esta circunstância ilumina a trajetória de todos os seus discípulos, de uma forma decisiva, encontrando nele o marco-padrão do incomparável mestre: seriedade, simplicidade, extremado profissionalismo, afetividade singela, vontade de saber ilimitado, paixão, ética e responsabilidade metódica como professor. As aulas do mestre **Ianni de Métodos e Técnicas de Pesquisa** e de **Sociologia do Desenvolvimento** continham proposição, desenvolvimento e conclusão. Eram metodicamente preparadas com inúmeras citações teóricas e empíricas e criticamente expostas. Havia, na fina tessitura teórica, uma marcante neutralidade axiológica e, ao mesmo tempo, uma adesão apaixonada pelo saber que os clássicos da sociologia, como **Durkheim, Weber e Marx** transmitiam como modelos de reflexão para a análise da formação das sociedades modernas e, dentro delas, do capitalismo.

**Octavio Ianni** possuía um discreto carisma e, creio eu, depositava nos seus discípulos a certeza de que realizariam obras inovadoras no campo da sociologia. Ele escrevia na dedicatória dos livros que oferecia aos seus discípulos: “Para Sedi Hirano, na certeza de que realizará uma obra sociológica inovadora”. Diante de tal incentivo, os alunos procuravam incorporar, em seus desenvolvimentos intelectuais, a paixão pelo conhecimento, com responsabilidade e método e a inquebrantável disciplina do grande mestre. O professor Ianni se metamorfoseava no mensageiro dessa fortuna e deste destino para todos os seus alunos que assumiam como missão, como vocação e como chamamento, a realização do curso de graduação e pós-graduação, com redobrada paixão e empenho.

O ano de 1961 marca o meu ingresso na Universidade de São Paulo e o meu encontro com o professor **Octavio Ianni**. Em outubro daquele ano Ianni tornou-se Doutor em Ciências, defendendo a tese sobre **O Negro na Sociedade de Castas**, publicado no ano seguinte com o título **As Metamorfoses do Escravo**. Encontram-se nela, numa construção metodológica, teórica e empírica notável, a formação e a transformação da sociedade brasileira estruturada em forma de **castas** para estrutura de **classes**, movendo-se dentro delas negros e mulatos, índios e brancos, como atores sociais que se transformam. Alguns deles passando do *status* de escravos para de homens livres. Estes homens livres tornaram-se uma categoria social excluída, à deriva do mercado de trabalho, bombardeados pela ideologia racial do branco, adotando uma contra-ideologia, na qual eles mesmos se desqualificam, colocando-se numa relação social de exclusão-subordinação.

Ainda lembro de meu contato com **Fernando Henrique Cardoso**, que foi breve, mas profícuo. Além do ensaio sobre **“Condições Sociais da Industrialização em São Paulo”**, li, antes de ingressar na USP, em 1958, o trabalho sobre **“Educação e desenvolvimento”** e um outro escrito em conjunto com **Octavio Ianni**, em 1959, denominado **“As Exigências Educacionais do Processo de Industrialização, todos eles publicados na Revista Brasiliense**.

No curso de graduação, aprendi com **Fernando Henrique Cardoso** a valorizar os conceitos sociológicos clássicos como organização social, estrutura social, sistema social, socialização, *status* e papel social, valor cultural, normas sociais, indivíduo e cultura, os símbolos sociais, processo social, cooperação, ideologia em geral etc.. O ensino destes conceitos fazia parte da disciplina **Introdução à Sociologia**, que assisti em 1961. Dois anos depois, tive a oportunidade de cursar uma outra disciplina ministrada por ele intitulada **Sociologia Industrial**. Nesse curso, foram discutidos os temas do desenvolvimento econômico e político, sendo nele formulados os primeiros elementos da **Teoria da Dependência**, que problematizava a questão do subdesenvolvimento, do desenvolvimento econômico, social e político e o perfil do empresariado schumpeteriano e schumpeteriano, com forte presença da teoria weberiana do processo de racionalização e burocratização, que seria associado ao capitalismo internacional. Como trabalho de conclusão do curso apresentei um trabalho reflexivo e analítico sobre a **Industrialização e Crise do Poder no Brasil**, onde eu criticava o sistema bicameral do sistema político brasileiro. Tirei a nota máxima. O Professor **Fernando Henrique** considerou o

trabalho, com pequenas correções, publicável, de forma que seria encaminhado à **Revista Brasileira**. O que **não ocorreu devido ao Golpe Militar de 31 de março de 1964**.

Nesse momento senti pela primeira vez que o meu trabalho acadêmico tinha valor. Para um jovem que saiu de um bairro caipira de São Miguel Arcanjo e que morou na periferia de São Paulo foi um acontecimento inesquecível que me despertou para novos sonhos e utopias, ou seja, o impossível acontece historicamente, tornando uma possibilidade objetiva: construir uma carreira intelectual. Uns anos antes era um sonho inimaginável.

As brilhantes e criativas aulas de **Fernando Henrique Cardoso** e o desempenho exemplar dele na defesa da tese de doutorado, originalmente denominada **Formação e Desintegração da Sociedade de Castas: O Negro na Ordem Escravocrata do Rio Grande do Sul**, escrita em 1961 e publicada com o título **Capitalismo e Escravidão** é uma tese paradoxal. **Cardoso** assume a tese de que a ordem escravocrata colonial brasileira é capitalista. E a sua estrutura social é estamental, nos primeiros cinco capítulos, no capítulo seis afirma ser de castas, mas o capítulo é intitulado de “O Negro na Sociedade de Classes!”. Portanto, **Fernando Henrique Cardoso** se filia à corrente teórica do Brasil colonial capitalista, mas admite a existência de duas sociedades intercruzadas: uma sociedade que se estrutura estamentalmente e outra como um sistema de castas.

A maior influência em minha trajetória acadêmica é, sem dúvida, **Florestan Fernandes** que foi, indiscutivelmente, o principal fundador, entre nós, da sociologia como disciplina científica moderna no Brasil. Transformou-se, no entendimento de **Antonio Candido** que me entrevistou no exame vestibular, Florestan, precocemente, num líder intelectual notável, um orientador de obras e atitudes mentais das quais surgiram algumas das realizações mais importantes da Universidade brasileira. Para o destacado crítico literário a inteligência de Florestan Fernandes era refinada. A sua intransigência profissional era absoluta. De fato, ele foi sempre um militante permanente e infatigável, com profunda visão ideológica da situação educacional brasileira, dos deveres universitários, da função da ciência na transformação social de problemas tão dramáticos quanto a situação do negro, transfigurado numa **casta** pela opressão **estamental** e, de **classe**.

Embora não fosse protestante, **Florestan Fernandes**, de origem social pobre, carregava como valor, a disciplina obstinada e metódica de um calvinista. O tempo era para ele precioso. Possuía uma fibra inquebrantável, uma convicção inigualável e uma vontade sem limites. Parafraseando Weber diria que ele sonhava com o impossível para

atingir o possível. Construiu com paixão e garra a sua formação científica e impôs um padrão de carreira acadêmica na Universidade de São Paulo. **Florestan Fernandes** era um mito, um arquétipo, não apenas um chefe de escola sociológica, mas um herói acadêmico civilizador que inspirava milhares de discípulos.

Segundo **Antonio Candido**, o **Florestan** dos anos 40 é o da construção do conhecimento científico, que ao cultivar o seu, arquiteta a possibilidade de saber dos outros. O **Florestan** dos anos 50 “é o que começa a se apaixonar pela aplicação do saber ao mundo”. Num quarto momento **Florestan** é quem “tendo o saber à compreensão do mundo, o transforma numa arma de combate”. Nesse sentido, a militância adquire um novo significado na virada dos anos 50 para os 60, **Florestan Fernandes** surge como líder, sobretudo na **Campanha pela Escola Pública**, tornando-se um herói civilizador nacionalmente conhecido. Ele almejava transformar a estrutura social estamental e de castas marcadamente elitista e restrita da educação brasileira que excluía a maioria da população, **num sistema escolar público, gratuito e para todos**. Ele se revelou então um grande militante, em pleno processo de juntar, segundo **Antonio Candido**, “as águas do marxismo com as da sociologia acadêmica, esboçando o que vai ser nos anos 60: uma grande figura de um militante solitário, de homem que pode ter atuação equivalente aos que se enquadram num partido”. Na feliz expressão de **Antonio Candido, Florestan Fernandes** “valia por um partido”. Quando ele liderava a **Campanha em Defesa da Escola Pública**, ele “vivía praticamente os papéis intelectuais do sociólogo militante”, conforme a sua declaração. As diretrizes defendidas por **Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e João Eduardo Villalobos** e tantos outros, em **defesa da Escola Pública**, foram publicadas nas revistas **Brasiliense e Anhembi**, entre os anos de 1959 e 1960.

Pode-se afirmar que o núcleo teórico de análise das obras de **Florestan Fernandes**, nos anos 60, sobre a sociedade colonial brasileira escravista em sua transição para o sistema neocolonial, e mesmo nos primórdios da formação do capitalismo competitivo, da fase imperial, quase adentrando a República é, estruturalmente, marxista. Nele, **Florestan** realça **os elementos estruturais e dinâmicos invariantes dos modos de produção que persistem, mantendo-se o “Povo” excluído da participação do poder**. O estamento senhorial persistiu minoritária e quase exclusivamente, monopolizando todas as oportunidades de poder, econômico, político, educacional, social e cultural. Neste núcleo

teórico analítico está sempre presente o que podemos chamar de uma **utopia libertária alicerçada no sonho emancipacionista de que todo sujeito econômico, político, científico e cultural deve cultivar conscientemente: o conceito de autonomia** contraposto ao **conceito de heteronomia**. No primeiro conceito, **Florestan Fernandes** ressalta a capacidade de se autogovernar, o direito de uma nação dirigir-se segundo suas próprias leis, tendo a soberana faculdade de traçar o seu destino e as normas de sua conduta. Por outro lado, a **heteronomia** é assumida por ele como sujeição ou subordinação a uma lei ou poder exterior aos interesses nacionais, institucionais e individuais. O que coloca o problema do desenvolvimento autônomo, dependente ou associado.

As reflexões teóricas empreendidas por **Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e Florestan Fernandes** sobre a realidade brasileira, como vimos, desde a época colonial deixam em aberto questões que mereceriam aprofundamentos conceituais e analíticos sobre o problema do **feudalismo, pré-capitalismo e capitalismo e a implantação de uma determinada estrutura social em termos de castas, estamentos e classes sociais**. Problemas estes que já estavam implicitamente colocados pelos meus professores de história do curso secundário quando eles analisaram o Brasil a partir das obras de **Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré e Celso Furtado**.

Quando estava finalizando a pesquisa do meu mestrado que tinha o título provisório **A Formação das Classes Médias no Brasil, Luis Pereira**, após ler o trabalho sugeriu-me que redigisse dois capítulos. Um, focalizando a discussão teórica sobre **os conceitos de castas, estamentos e classes sociais em Marx e Weber**. Outro, de análise crítica sobre as obras de **Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso** sobre a formação da sociedade brasileira desde o período colonial.

Aceitei a primeira sugestão e passei a analisar as obras de **Weber e Marx** centrando nos **conceitos de castas, estamentos e classes sociais**. E, num período de aproximadamente, dois meses, tinha redigido o capítulo sugerido, contendo aproximadamente 40 páginas. Depois de ler o capítulo, ele me disse: “agora você tem dois mestrados”. Você pode escolher qual será apresentado como dissertação acadêmica. Optei por desenvolver o capítulo teórico e num prazo de aproximadamente oito meses, redigi uma monografia de 170 páginas.

Há, nas obras de **Weber e Marx**, uma determinada concepção de história e, portanto, de capitalismo. É inquestionável que para ambos o capitalismo emerge do

feudalismo, atravessando uma longa fase de transição histórica permeada pelo **mercantilismo** até chegar ao **capitalismo: capitalismo moderno em Weber e modo de produção capitalista em Marx**.

Procurei reconstruir esta história que existe neles, grifando as diferenças irreduzíveis inerentes à teoria e a metodologia de cada um deles. Em **Weber** resalto a sua **visão teórica poli-histórica**, e, dentre uma multiplicidade de possíveis históricos, **há uma probabilidade objetiva de que o capitalismo tenha emergido do feudalismo**. Daí, a possibilidade teórica do estamento enquanto uma ordem social estar presente singularmente no feudalismo e, eventualmente, no capitalismo moderno, iluminado pelo mercado, que exige em seu espaço atores sociais dotados da capacidade de cálculo lógico e matemático. Predominando, neste, a ação racional visando fins e valores e, no estamento, o monopólio da ação tradicional unilateralmente direcionada à apropriação diferencial da honraria social que assegura privilégios. **Os privilégios e os monopólios estamentais são típicos do mercantilismo, como também, dos Estados absolutistas europeus**.

**Em Marx**, por razões teóricas e por motivos metodológicos radicalmente diferentes, **há também uma relação entre estamentos e feudalismo, incluindo o mercantilismo da fase de transição. O mesmo ocorre com o modo de produção capitalista e com as classes sociais**.

**Em nossa leitura pressupomos que existe nas obras de Marx uma história da formação do capitalismo e, dentro dela, o processo de constituição das classes sociais**. Pressupomos também que dentro das formas que precedem à produção capitalista, **estão as estruturas de castas ou estamentos**. Com esta colocação discordamos com as teorias dos marxistas de várias matizes de que as classes sociais existem em todos os modos de produção e em todas as épocas históricas.

O meu doutorado é o resultado da segunda sugestão de Luis Pereira. Nele faço o contraponto de algumas reflexões teóricas dos meus grandes mestres **Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso** e discordo, em alguns pontos específicos, dos meus mestres e do meu orientador Luis Pereira. **Procuo demonstrar que a produção mercantil é ainda estamental**, sendo gerada pelo capital mercantil e que ela já nasce endividada. Procuo mostrar que a produção mercantil escravista não só é gerada no endividamento, mas se realiza totalmente subordinada ao capital mercantil.

Esta análise foi desenvolvida tomando como material histórico os relatos de

**Antonil, Gandavo, Padre Benci, Gabriel Soares de Souza, Fernão Cardim, Rocha Pita, Frei Gaspar de Madre de Deus e Frei Vicente do Salvador**, que descreveram e analisaram a economia, a política e a sociedade colonial brasileira dos séculos XVI, XVII e XVIII. Reconstruímos a formação da sociedade colonial brasileira laborando teoricamente sobre as ideias que eles possuíam em seu tempo, por meio do exame das estruturas mentais, sociais e culturalmente existentes, que orientaram a formação de um pensamento de época, no que se refere ao escravo, ao modo de produzir nos engenhos, ao relacionamento dos senhores com os homens livres, às diversas categorias de homens livres, à relação de poder e de dominação entre o senhor e o escravo, à função socializadora das ordens religiosas, à hierarquia social representada pela metáfora do corpo em que o senhor e os prelados fazem parte da cabeça, os feitores e os capitães-do-mato são o braço armado do senhor, e os escravos, os pés. Esta representação da ordem social correspondia ao imaginário feudal, que se apresentava como estrutura de pensamento de uma época com mais de mil anos de existência e veio a ser reproduzida no Brasil pelos prelados e pelos intérpretes do Brasil dos séculos XVI ao XVIII.

Procuo ainda discutir criticamente, na **parte final da tese**, à **luz da teoria marxista, o problema da estrutura de castas, de estamentos e de classes sociais nas obras daqueles mais destacados sociólogos da Escola de São Paulo**. Foram longos anos de preparação no campo da pesquisa teórica e empírica que resultaram, em 1988, na publicação da tese de doutorado, hoje, em sua segunda edição, com o título **A Formação do Brasil Colonial: Pré-Capitalismo e Capitalismo**.

**Gabriel Cohn** que concluiu a orientação da tese, após o falecimento de **Luis Pereira**, afirma em sua apresentação, que o argumento central da tese é dar sentido rigoroso ao conceito de pré-capitalismo. Ele procura demonstrar que o Brasil colonial não é inteiramente capitalista nem tão-somente não capitalista.

**Maria Arminda do Nascimento Arruda** afirma que a tese “embora retome tema clássico da nossa tradição intelectual, revisita problema basilar, referente à constituição da estrutura e organização das sociedades originadas do sistema colonial moderno”.

Além das obras magistrais sobre a sociedade brasileira, desde a época colonial até a constituição do capitalismo moderno, que influenciaram indelevelmente a minha formação acadêmica, os grandes mestres da Escola Paulista de Sociologia **firmaram princípios irrenunciáveis em defesa da escola pública e da autonomia universitária**.

Com os grandes mestres **Florestan Fernandes e Octavio Ianni**, dentre muitos outros, aprendi o significado e o conteúdo da docência formadora baseada em estudos e pesquisas sistemáticos alimentados por uma rigorosa disciplina metódica. Marcaram eles, juntamente com **Fernando Henrique Cardoso e Luis Pereira** a minha formação acadêmica de professor e pesquisador segundo uma linha de pensamento radicalmente crítica.

Aprendi, ainda, que é necessário preservar e desenvolver o compromisso fundamental com a universidade, como um lugar da universalidade, onde se prepara a consciência autônoma e apurada do cidadão que almeja a transformação da sociedade. Esta ideia básica nutrida nos ensinamentos, principalmente de **Florestan Fernandes e Octavio Ianni**, serviu-me de modelo para a realização do meu percurso intelectual.

Nos trabalhos acadêmicos que elaborei para a obtenção dos títulos estão presentes as preocupações pelo pensamento reflexivo, com o qual procuro compreender os processos de transformação e constituição da sociedade moderna através do domínio dos conceitos sociológicos clássicos e modernos.

Os mestres ensinaram-me o que é necessário para obter um conhecimento teórico e metodológico refinado, sem bloqueios paroquiais ou ideológicos, enfatizando que quando realizamos uma investigação não podemos condicionar a nossa reflexão científica aos valores políticos-partidários ou às crenças religiosas.

Ao receber o honroso Título de Professor Emérito, reafirmo os princípios que sempre nortearam e continuarão a nortear a nossa prática acadêmica na Faculdade de Filosofia:

1. Inicialmente, concebo a Universidade como uma instituição social que se legitima quando alcança o reconhecimento público através de sua ação social e prática acadêmica fundadas no primado da diferenciação social e da autonomia do saber;
2. Nesse sentido, ela está estruturada por um conjunto de regras, preceitos e valores internamente reconhecidos e legitimados,
3. Assim sendo, a universidade almeja na produção e na transformação do conhecimento, expressar valores universais.

Em outras palavras, a questão da autonomia acadêmica é um princípio central: os professores, pesquisadores e os alunos devem ser livres para planejar e realizar projetos de investigação de alto nível, bem como para reformularem e definirem criticamente os conteúdos curriculares das várias áreas de conhecimento, incluindo temas de interesse



social e cultural da sociedade: a universidade é uma instituição constitutiva da sociedade, ela se articula de uma forma fecunda com outras instituições, centros e agências de fomento nacionais e internacionais, que têm como escopo qualificar, financiar, divulgar e debater a produção científica dos professores, dos pesquisadores e dos alunos de graduação, pós-graduação e pós-doutorado.

Estes princípios formam no meu entendimento, o substrato do perfil acadêmico institucional da Universidade de São Paulo e, em particular, o da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Nesse sentido, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas exerce um papel acadêmico civilizador na qualificação e na conscientização do cidadão brasileiro dotado de conhecimento especializado.

Agradeço à Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, presidida pela Professora Doutora Sandra Nitrini, e ao Conselho do Departamento de Sociologia, chefiado pelo Professor Dr. Antônio Flávio Pierucci, pelo honroso título de Professor Emérito.

*PROF. DR. SEDI HIRANO*

*Homenageado*





USP

Universidade de São Paulo



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Serviço de Comunicação Social  
Serviço de Artes Gráficas